

APRESENTAÇÃO

Já nos impressos de divulgação da implantação do Doutorado em nosso Programa, no contexto de uma redefinição de nossas linhas de pesquisa em termos de História e Cultura, expressávamos nosso interesse por estudos de cultura, entre outras dimensões, com preocupações “sobre a construção da memória e das representações nas suas múltiplas interferências nas estratégias dos grupos sociais.”

Assim, em *Projeto História* n. 10, a par das primeiras traduções de pesquisas produzidas com a metodologia de História Oral, trouxemos para debate importante reflexão de Pierre Nora, “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”. Naqueles tempos, em que a aceleração da História era secundada por expressões como “O fim da história-memória” e por perspectivas em relação a “Os lugares da memória, uma outra história”, acompanhamos problematizações desse desvencilhar da história a memória. Questionando história como reconstrução intelectual “sempre problemática e incompleta do que não existe mais”, e apreendendo memória como “vida, sempre carregada por grupos vivos (...) aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”, Nora introduziu a “dúvida no coração, a lâmina entre a árvore da memória e a casca da história”.

Retomando o sentido dessa diversidade de natureza e de construção entre o acontecido e o narrado, conforme reflexões de Walter Benjamin, particularmente em “O Narrador” e em suas teses “Sobre o conceito de História”, em que à finitude do vivido contrapõe o movimento infinito da memória, nos números subseqüentes de *Projeto História* dialogamos, pontualmente, com temas e suportes da memória, procurando apreender diferentes caminhos de lembranças.

Tematizando “Cultura e cidade”, traduzimos Deborah Thom, que no texto “Livres das correntes? A imagem do trabalho das mulheres em Londres entre 1900 e 1920”, sinalizando para a importância da fotografia, analisa fotos de mulheres trabalhadoras. Através delas, produzidas para construir uma imagem da mulher trabalhadora antes e durante a Primeira Guerra, a autora comenta como o desenvolvimento da fotografia contribuiu para estudos sobre a vida urbana, além de considerar os efeitos dessas fotos

sobre o impacto das representações visuais e verbais das mulheres trabalhadoras em Londres, onde mudanças sociais eram acompanhadas por transformações nos meios de comunicação. Jornais e mesmo periódicos começaram a utilizar evidências ilustrativas, reforçando campanhas de reformas sociais com o poder da “revelação do que antes era escondido” e potencializando fotos como portadoras de suportes materiais da memória, uma vez que, registrando ângulos específicos do social, permitem olhares para além das intenções de seus fotógrafos e editores.

Nesse mesmo número, discutindo as relações entre propaganda, periodismo e vida urbana nos primórdios da formação da metrópole paulista, o texto “A cidade do reclame”, de Heloisa de Faria Cruz, também amplia nossas perspectivas de suportes materiais da memória ao chamar atenção para as inúmeras e complexas maneiras como o desenvolvimento das escritas, “captado pela velocidade dos novos serviços de correios e telégrafos e articulada às novas linguagens visuais da modernidade (...) começa a invadir a vida cotidiana da cidade”. Mais uma vez, colocam-se ao historiador desafios para acompanhar as intrincadas redes de relações/mediações entre as linguagens socialmente formuladas, bem como os enraizamentos culturais de seus códigos, nessa ampliação dos meios de comunicação e constituição de sujeitos e memórias históricas.

Os usos de fotografias, reclames, publicidade e o poder de textos, imagens e sons na preservação do patrimônio urbano ainda é tematizado por Marcos Antonio da Silva, em “A cidade e seus patrimônios”. Sendo que em mais um artigo desse número, “O receio dos ‘trabalhos perdidos’”, ao pesquisar vestígios de outra natureza – instrumentos e/ou equipamentos técnicos –, Denise Bernuzzi de Sant’Anna alerta para os modos de “lidar com o passado”.

Contraopondo a “civildade” dos europeus, que “colocam o passado em museus e em alguns casos os museus invadem as ruas e se generalizam”, ao nosso “modo selvagem” de desprezo e degradação de nossos registros, questiona essas práticas de preservação, pois em ambas “o passado corre o risco de estar igualmente condenado à morte”. Ao apontar que, para uma garantia de vida aos objetos expostos em museus necessitamos de uma “cultura técnica”, em que ao “buscar os traços daqueles instrumentos do passado, pudéssemos ouvir os sonhos e os limites que eles concretizaram, perceber as funções e os lugares que eles ocuparam”, nos adverte para os riscos da fossilização de registros de outros tempos e espaços. Nessa medida, nos faz pensar que, para evitarmos tal tratamento folclorizador, importa situar evidências e fragmentos do passado em suas formas de produção e de preservação, de modo que possam exprimir o mundo onde estavam inseridos, trazendo personagens, expectativas, crenças, relações

experimentadas, todo um conjunto de modos de vida e de luta, enfim, de cultura e memória, em que objetos, sujeitos e suas linguagens adquirem sentido.

Todavia, foi nos números 14 e 15 – em que ganham destaque discussões sobre História Oral e usos de fotos associadas a testemunhos orais e documentos escritos, articulando diferentes formas de evidências –, que questões em torno da memória assumem maior relevância, acompanhando demandas de pesquisa de nossos professores e alunos. Enquanto os dois textos de Alessandro Portelli, publicados no n. 14, colocam questões a respeito da igualdade e da diferença – com o imprescindível reconhecimento do outro – e da distinção entre “eventos” e “significados”, que remete a uma memória ativa, referenciada à multiplicidade de modos como os sujeitos trabalham suas experiências; o texto “Teatros de Memória”, de Raphael Samuel parte da perspectiva de analisar como o passado continua vivo no presente.

Discutindo a historicidade que fragmentou e situou a memória e a história em campos opostos, Samuel explicita que o argumento de “Teatros de Memória” é que a memória, “longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenamento, um banco de imagens do passado, é, isso sim, uma força ativa, que molda; que é dinâmica – o que ela sintomaticamente planeja esquecer é tão importante quanto o que lembra – e que ela é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico, ao invés de ser apenas uma espécie de seu negativo.”

Nessa referência a termos do universo fotográfico, já deixa implícito que, esquivando-se das fontes totalmente literárias da era vitoriana, encaminhou-se para os testemunhos visuais e para o significado de seus referenciais, em contexto em que a “palavra falada genuína – a história oral – ainda não se encontrava no horizonte”, embora logo surgisse e a procurasse com a mesma avidez que fizera com a fotografia, acreditando que o ato consciente de lembrar é um trabalho intelectual muito semelhante ao do historiador. Para Samuel, “a memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da tradição, ela é progressivamente alterada de geração em geração. Ela porta as marcas da experiência, por maiores mediações que ela tenha sofrido.”

Finalmente, no n. 15 – “Ética e História Oral” –, ganha maior destaque a problemática da memória e do sujeito na história, pois, como aponta Portelli, “A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória”. Como a História Oral se assenta na memória e não em outros textos e suas fontes são as pessoas e não documentos, a concepção

de memória, os trabalhos da memória e o território da subjetividade tornaram-se questões emergentes e problematizadoras da escrita da História. Da mesma forma, uma latente oralidade, subjacente ao trabalho com depoimentos orais de sujeitos à margem da cultura letrada, além de nos remeter às dinâmicas inunções oral/escrito, retoma questionamentos a pressupostos dicotômicos e amplia nossas percepções em relação à gestualidade, vocalidade, “performance” dos depoentes – para lembrar das contribuições de Paul Zumthor nessas discussões –, introduzindo o corpo e as práticas corporais nos estudos relacionados à memória.

Memória que, mesmo sendo engendrada de diversas formas no meio social, é sempre pessoal no ato de lembrar, jogando os sujeitos sociais, com seus modos de experimentar e atribuir sentido a suas vivências, para o âmago da história, polemizando conceitos como “memória coletiva” e apreendendo a memória como uma forma de construir e preservar conhecimentos.

Dáí nossos interesses e intenções em organizar este número de *Projeto História* sob a temática “Trabalhos da Memória”. Os textos traduzidos – em homenagem ao instigante historiador francês Michel de Certeau e o minucioso estudo de David Lowenthal –, a entrevista com a sempre atuante Michelle Perrot, os artigos, pesquisas, resenhas reunidos permitem avaliar quão polêmicas e multifacetadas são as abordagens que a memória sugere a estudiosos de vários campos de saber.

Maria Antonietta Antonacci
Editora Científica